
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA:

“Conseguirão Expulsar o Povo?”

Por que o Centro Brasil Democrático? O historiador Sérgio Buarque de Hollanda, 75 anos, tem uma resposta precisa para a criação da entidade.

“O Centro objetivou a unir em torno de um programa eminentemente democrático todas as forças vivas da nação. E é através dessa mobilização que se bloquearão quaisquer tentativas de um retrocesso político”. Hollanda observa que muitos afirmam que nunca houve democracia no Brasil. Ele diz, a esse respeito: “Na verdade, nunca houve democracia ideal. Até na Suíça existem abusos aos direitos humanos, se bem que em menor escala. Mas não é possível que o abuso passe a vigorar como lei. Ora, é preciso que exista pelo menos um paradigma, como um ideal democrático a ser atingido, para orientar a opinião do governo”.

Ao assumir a Vice-Presidência do Centro Brasil Democrático, Sérgio Buarque de Hollanda deu seqüência a toda uma tradição sua de atitudes e compromissos em defesa da causa das liberdades públicas. No ocaso da ditadura de Getúlio Vargas, ele assumiu a presidência da Associação Brasileira de Escritores, que emitiu um eloqüente manifesto contra os crimes e abusos do aparelho político do Estado Novo. Duas décadas depois, já sob o império do regime instalado em abril de 1964, listas negras transitaram pelas Universidades de São Paulo, aposentando compulsoriamente os professores que não concordavam com a nova ordem política. Hollanda divulgou então um veemente protesto contra a violência, solicitando simultaneamente aposentadoria compulsória. Ele voltava a se solidarizar aí com os princípios democráticos que sempre nortearam sua conduta.

Segundo Hollanda, o problema do autoritarismo no Brasil é antigo. A Independência, por exemplo, passou-se num regime apenas de aparência democrática. Votavam os que dispunham de renda acima de cem mil réis, que eram relativamente poucos. “Atualmente — nota Hollanda —, nem podemos falar em eleições indiretas. Vigoram eleições de cabala, onde às vezes é um só homem que escolhe”. Hollanda associa as origens do autoritarismo no Brasil ao militarismo. Em épocas passadas, os militares eram — como agora — figuras ativas da política e filiavam-se a partidos no Senado e nas Câmaras. Osório era liberal, Deodoro conservador, Pelotas liberal e assim por diante. Havia necessidade de participação política, mesmo porque era uma das formas de ascender na carreira militar. Hollanda compara, “até certo ponto”, a situação do pós-guerra com o período atual. Ele chama a atenção para a política de direitos humanos do Presidente Jimmy Carter, dos Estados Unidos, os cuidados para manter intocável a imagem do regime na Europa, etc. Hollanda acha igualmente que, apesar da repressão contra a mobilização popular, a situação política está sofrendo sensíveis modificações. “A tal ponto que eu não acredito que o governo tivesse condições de, hoje, reeditar um novo pacote de abril, responsável por críticas até de quem o apóia. Costumo fazer uma comparação com outro abril, o de 1831, quando as Forças Armadas se juntaram ao povo para expulsar o monarca. Será que muitos abris depois o monarca conseguiria expulsar o povo?”



Oscar Niemeyer e Sergio Buarque de Hollanda na Assembléia de fundação do Centro Brasil Democrático. Mais ao fundo, vêm-se Audálio Dantas, Adão Pereira Nunes, Osny Duarte Pereira, Moacyr Werneck de Castro, José Honório Rodrigues, Mário Schemberg, Alberto Passos Guimarães, Fernando Gasparian, Nelson Werneck Sodré e outros.